

JUVENTUDE NEGRA: CONDIÇÃO JUVENIL, IDENTIDADE RACIAL E AÇÃO COLETIVA EM NOVOS CONTEXTOS DE PARTICIPAÇÃO

Mônica Sacramento

DDSE – Eixo 4 – Movimentos Sociais e Educação

Observa-se nas últimas décadas a emergência de questões na esfera pública envolvendo os jovens negros¹. Como exemplo, destacam-se na mídia a polarização em torno da adoção de cotas nas universidades públicas por critérios raciais e a votação do Estatuto da Igualdade Racial; nos movimentos sociais o I Encontro Nacional da Juventude Negra² (ENJUNE - Bahia, 2007) e; na produção discente, o aumento verificado no volume de dissertações e teses sobre jovens negros segundo a pesquisa “*O campo de estudos de juventude no Brasil e Rio de Janeiro Estado do Conhecimento (1999-2006)*”, em andamento.

Assim como outros movimentos sociais, o Movimento Negro, em épocas anteriores, não possuía um recorte geracional, embora contasse com a presença de jovens militantes negros em seus quadros³. Aparentemente, a relevância que a temática assumiu nos últimos anos no interior do movimento acompanha a efervescência nacional e internacional do debate sobre as relações raciais e as diversas propostas de monitoramento de ações e intervenção na elaboração de políticas públicas com recorte específico na juventude negra⁴.

Registra-se nos últimos anos a atuação de coletivos juvenis organizados em torno da afirmação da identidade negra e da luta anti-racista. Alguns deles têm mantido freqüente diálogo a partir do I ENJUNE. Organizados em rede e em encontros presenciais mobilizam-se em torno da consolidação do Fórum Nacional da Juventude Negra (2008).

Estes grupos possuem perfis e estruturas organizacionais diferenciadas, demonstram conhecimento da produção resultante das discussões e conquistas alcançadas pelo movimento negro em etapas anteriores e posicionam-se frente aos contextos socioeconômico e político em relação à conquista de direitos da população negra nacional e internacionalmente. Em

¹ Quando de forma genérica referir-me “aos jovens negros” leia-se “as/os jovens negros e negras”, de forma a marcar as diferenças de gênero. Não seguirei utilizando esta linguagem para não comprometer a leitura do texto.

² Neste encontro, 620 jovens negros, de diferentes grupos juvenis representantes de 17 estados brasileiros, reuniram-se em torno da problemática racial. O encontro teve um corte geracional, com idade limite de participação fixada em 30 anos, e pauta que privilegiava o genocídio da juventude negra; a saúde da população negra; os direitos sexuais; a geração de trabalho e renda; a educação; as comunidades remanescentes de quilombos; as ações afirmativas e políticas de reparação; acesso à cultura e lazer, as relações de classe e raça.

³ Consultar Alberti e Pereira, 2007.

⁴ Declaração e Programa de Ação da Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata/ Durban. (2001: 100 -101). Disponível em <http://www.lpp-uerj.net/olped/documentos/1693.pdf>. Acesso realizado em 20/03/2009.

comum, a reivindicação e afirmação de outra forma de constituir-se como jovem negro em nosso país.

A presente pesquisa se inscreve no campo de estudos sobre a juventude no Brasil, com destaque para os coletivos organizados de jovens negros e suas estratégias de atuação em diferentes espaços da esfera pública.

Busca-se compreender os processos de participação vivenciados pela geração de militantes destes coletivos juvenis negros e suas estratégias de mobilização coletiva; identificar os elementos que se constituem como conexões geracionais (Mannheim, 1993) e, por conseguinte, como estruturantes identitários em seus contextos de participação.

Considerando, ainda, o conceito de unidade de geração (idem) parte-se da premissa que a ação coletiva dos jovens negros estrutura-se a partir de conexões múltiplas, complexas, social e historicamente (re)construídas, acionadas nas relações sócio-culturais, políticas e históricas que se deram a partir da dispersão involuntária dos antepassados africanos para o Brasil. Estas múltiplas referências encontram-se em intersecção entre suas histórias individuais e a do grupo de socialização.

Sendo assim, por hipótese, a ação coletiva dos jovens negros em torno destes coletivos e as repercussões dos efeitos do racismo em suas histórias de vida, constituem-se como elementos que os caracteriza enquanto geração e ao mesmo tempo lhes fornece material para a estruturação da identidade negra. O estudo pretende ainda inventariar o campo de autonomia intelectual que esta geração de militantes vem constituindo em relação aos movimentos negros.

A metodologia privilegia a análise qualitativa do conteúdo da rede de jovens negros, a observação dos espaços de mobilização e os relatos de vida de jovens negros obtidos através de entrevistas semi-estruturadas. A pesquisa encontra-se em curso concentrando-se na definição do campo teórico tendo sido realizada a observação de um espaço de mobilização⁵ o que favoreceu as conversas preliminares com alguns participantes de coletivos juvenis negros.

As primeiras impressões convergem para as análises de Melucci (1997) sobre a dinâmica das novas ações coletivas ao afirmar que distantes do estado e da política formal-institucional, as novas ações coletivas teriam carácter molecular, baseando-se em redes de colaboração.

⁵ “Colóquio Internacional: Desafios e perspectivas da Juventude Negra nas Américas”, realizado na cidade do Rio de Janeiro, no período de três a seis de abril do ano de 2009.

Os grupos presentes ao encontro observado distinguem-se pela variedade de vinculações e perfis institucionais. Articulados entre si ONGs (IBASE, Conexão G, entre outras) representantes dos movimentos sociais (MNU, FONAJUNE, Organização de Mulheres Negras ATIVAS, CEN), grupos culturais (Grupo Kilombagem) promoviam análises conjunturais sobre as estratégias de ação coletiva da juventude negra face à crise econômica internacional, sobre o posicionamento do movimento de jovens negros frente à realização da Conferência de Revisão de Durban (Durban + 8).

Uma questão que merecerá maior aprofundamento é a incorporação destes coletivos sociais à esfera pública. Observaram-se duas tendências em relação às estratégias de ação e mobilização dos grupos. Uma delas é a que considera como estratégica a cooperação firmada entre governo e instituições comprometida com a criação de políticas e instrumentos com maior porosidade às demandas dos grupos sociais. A outra se estrutura a partir da ação juvenil negra em grupos vinculados a partidos políticos. Aparentemente, para estes grupos, a posição de conflito garantiria maior amplitude de análise e autonomia em relação às posições das diferentes instâncias de participação embora com ônus em relação ao financiamento e sustentabilidade de suas ações.

Referências bibliográficas

- ALBERTI, Verena e PEREIRA, Amilcar Araújo(org). *Histórias do Movimento Negro: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC- FGV, 2007.
- GRAMSCI, Antonio. *Apontamentos e Notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais*. Cadernos do Cárcere, volume 2. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- MANNHEIM, Karl. *El problema de las generaciones*. Revista Española de Investigaciones Sociológicas, n. 62, abr./jun. 1993.
- _____. *O problema da juventude na sociedade moderna*. IN: Sociologia da Juventude, I. Da Europa de Marx à América Latina de Hoje. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- MELUCCI, Alberto. *Juventude, tempo e movimentos sociais*. In: Juventude e Contemporaneidade - Revista Brasileira de Educação, n. 5 e 6, ANPED, 1997.

Palavras-Chave: Juventude Negra, Ação coletiva e Geração.

